

ESTUDO E VIRTUDE: CONTRADIÇÕES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Daniella Meneses de Oliveira Arroxellas¹; Denis Avelino²; Roseane Nascimento da Silva³

1 - Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió. dmoa1406@gmail.com;

2 - Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió. denisavelino@yahoo.com

3 - Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió. silvaroserns@yahoo.com

Resumo

Muitos já diagnosticaram e identificaram o problema da educação brasileira. Problema já manifesto entre os filósofos atenienses da Grécia Antiga. O que inclui os sofistas. Trata-se da dualidade estrutural imanente à apropriação dos conhecimentos objetivos, sistematizados ou científicos. Este artigo trata da escravidão do povo brasileiro, que ainda persiste. Escravidão que se materializa na concreta negação da liberdade e direito dos brasileiros estudarem e pesquisarem como labor ou modo de vida, modo de viver, modo de ser, modo de existir no mundo com os outros, e feliz. Não se nega o direito a matrícula escolar, o que se nega é o tempo socialmente necessário para se apropriar dos conhecimentos objetivos. Trata-se da condenação de nosso e tantos outros povos ao mercado, ao governo do capital.

Palavras-chave: estudo, ética das virtudes, governo de si, formação humana.

Introdução

No mundo moderno a escravidão persiste, e sob as mais diversas formas, muito mais sutis e simbolicamente imperceptíveis à consciência humana. Porque no mundo moderno o senhor é diverso, costuma em vez de chicote pagar salários, e isto, em tempos modernos, é tudo que todas e todos escravos desejam. Sim, desejam mais uma coisa, para todas e todos os escravos fundamentais para esse moderno sentido de ser escravo: serem profissionais. Como se exterioriza, hoje, a forma social do senhor de escravo? Se exterioriza na sociedade civil (segundo Hegel) como patrão, empresário e empreendedor; na administração pública e privada o senhor personifica a forma social de gestor (reitor, pró-reitores, diretor de unidades acadêmicas e institutos, diretor de escola, coordenador, supervisor e articulador pedagógico, inspetor, todo tipo de administrador, contador, economista, advogado subalternos às políticas públicas e empresariais do capital); nas igrejas senhor é padre, papa e pastor; na política vereador, governador, deputado, presidente e senador.

No mundo moderno, como se vê, o senhor usa muitas máscaras para dissimular o seu domínio sobre os escravos: trabalhadores assalariados, professores e estudantes, fiéis, eleitores. Escrava e escravo no mundo moderno são, sobretudo, os profissionais. Quanto mais qualificado, escolarizado, quanto maior o número de diplomas e certificados, mais escravo é o animal (racional é claro, mas animal!). Escravos são todos os trabalhadores assalariados, presentes e futuros, por exemplo, o professor (no presente) e o estudante (no futuro). O sistema capital é um sistema de escravos, uma ordem escravocrata singular, um ordenamento territorial organizado pelo capital. Portanto, é uma escravidão de novo tipo, o que causa muita confusão em nossas consciências e compreensões acerca de quem somos nós nesta sociedade que se quer moderna, liberal e democrática.

Esta configuração sociogeohistórica é constituída, portanto, por escravos modernos, que em lugares distintos usam ternos e gravatas, falam mais de uma língua e usam tecnologias que os distinguem dos restos dos mortais. Estes também não escapam da condição de escravos, escravos do sistema capital. Estes são: os empresários-empresendedores, juristas, políticos, advogados, administradores e magistrados.

O robe dos escravos modernos, hoje, independente da classe social em que as pessoas estão posicionadas, e considerando as relações humanas com as tecnologias de informação e comunicação, por exemplo, as redes sociais em voga, é viajar e postar fotos no facebook; e difundi-las neste mundo comunicacional. Ocupações que consomem um bom tempo de suas vidas escravizadas.

Todas essas formas sociais, patronais: profissional, empresário, empreendedor, gestor, entre outras categorias ou formas de ser, constituem o complexo sociocategorial do capital. São sobretudo lugares ocupados em uma geografia social muito particular. Lugares ocupados por escravos e vassalos submetidos à ordem hierárquica e territorial do senhor capital. Com Gramsci podemos entender os vassalos como intelectuais orgânicos ao capital, o que legitima este constituir-se como governo hegemônico.

No mundo moderno o chicote foi substituído por salário. Da mesma forma que o chicote, o salário pune, violenta e humilha. Mas ninguém ouve os gritos dos sofrimentos dos escravos, segregados em suas casas em grotas e favelas. Nesses lugares o que se houve são rajadas de metralhadoras. Rajadas de metralhadoras são também os gritos de medo das burguesias, nos ouvidos dos escravos, por eles serem escravos e desejarem o direito e a liberdade de serem livres para viver o estudo e a pesquisa como modo de vida. Mas este é

lugar de vassallos não de escravos, e escravo para os vassallos do capital não é gente, chamam-nos de um nome pomposo e requintado: *recursos humanos e trabalhadores qualificados*. Por isso o salário não escandaliza. Pelo contrário, o que faz os escravos serem fiel e profundamente escravos é o que os escravos mais desejam: serem profissionais e ter carteira assinada, é o que garante um salário. É pela vontade do escravo desejar ser fortemente, um simples trabalhador assalariado, se possível profissional dotado da mais alta qualificação, que a modernidade reproduz o ciclo perpétuo da escravidão. Como os escravos não vêm quem deposita a merreca de salário em suas contas-correntes, quando sentem realmente o peso da escravidão, ficam impedidos de reagir. Quem não tem salário nesse mundo de escravos o fardo da escravidão é ainda maior, pois o desejo de o ser é mais ardente e desesperador.

Os escravos, todo tipo de escravo: feminino e masculino, de qualquer etnia, antigo e moderno, é impedido de estudar porque estudar é uma ocupação consigo mesmo, é uma “atividade humana sensível” objetiva e subjetiva, simultaneamente, é trabalho ou labor e liberdade. O estudo, o trabalho intelectual, se exterioriza se interiorizando no corpo do sujeito-trabalhador que estuda (nomeamos os sujeitos que assim vivem suas vidas de sujeitos pedagógicos: professor-pesquisador e estudante-pesquisador), aquela e aquele que desenvolvem a atividade de apropriação de conhecimentos objetivos, científicos e sistematizados sociogeohistoricamente pelos seres humanos. O resultado desta atividade é “incorporado” no corpo humano, fica aí dentro deste corpo como energia. Marx chamou esta energia de força de trabalho¹. O sujeito (sobretudo os sujeitos pedagógicos), neste caso, vive uma situação ambivalente: ele é, simultaneamente, sujeito-objeto. Isto é, neste tipo singular de

¹ O *imaterial* do trabalho material de apropriação de conhecimentos. Trabalho que ocorre em um determinado tempo socialmente necessário para esta apropriação se realizar. O problema que esse tempo que nomeio de tempo pedagógico, é diferente para cada pessoa diferente, e é um tempo que ontologicamente não pode ser homogeneizado. A natureza do tempo socialmente necessário para apropriação de conhecimento possui uma lógica própria que não pode ser enquadrado no tempo do relógio e no calendário cristão, a menos que nós violentemos a natureza desse tempo, e fazendo isso violentamos o corpo e a alma dos sujeitos pedagógicos. Os conhecimentos apropriados no trabalho pedagógico, tem uma outra particularidade, diferente dos conhecimentos adquiridos na “convivência” da vida cotidiana ou nas experiências proporcionadas pela simples existência ele se condensam em tudo que se encontra a nosso redor, absolutamente tudo: todos os tipos de valores de uso, comodidades, técnicas ou saberes fazeres, que de uma certa forma se convertem em tecnologias e meios de produção. Esse conhecimento que Lukács chama de conhecimento objetivo, isto é: científico e sistematizado, estão encarnados nas forças produtivas. Além disso, gostaríamos de enfatizar que a apropriação ou aquisição desses conhecimentos socializa o ser humano, o enriquece e potencializa as virtudes humanas, conforma os seres humanos em seres virtuosos e criativos. Postulamos que *a criatividade humana* é determinada nesta atividade humana sensível que é o estudo e a pesquisa, se vivida como modo de vida, modo de ser no mundo com os outros. É o que faz desta forma de labor, trabalho humano ou “atividade humana sensível”, ser rebelde e libertadora.

trabalho humano, que é o “trabalho de si, em si, por si e para si”, o sujeito é simultaneamente objeto, a fórmula é: sujeito=objeto (fórmula que encarna o espírito do Deus Janus, força motriz das revoluções sociais, movida por rebeldia e libertação, atua intensamente na raiz humana do ser no mundo, no que é necessária a existência e conservação humanas, daí a sua radicalidade).

Nos diversos procedimentos de apropriação de conhecimentos eles (os sujeitos pedagógicos) agem, certamente, sobre os objetos dessa apropriação (por exemplo, sobre os livros), mas esta ação possui uma singularidade, é que ela é simultaneamente reflexiva e reversível. Isto é, age sobre o objeto de estudo e sobre o sujeito que estuda. Deste modo, no estudo, os sujeitos pedagógicos que trabalham na apropriação de conhecimentos trabalham, simultaneamente, seus corpos e suas almas, mas, ao mesmo tempo, podem pensar e refletir sobre si, sobre o que ocorre consigo nesta situação, e nos mais diversos lugares em que se ocupe com o estudo e a pesquisa, com esta forma delabor². Portanto, uma das características do estudo ou trabalho pedagógico em pesquisa é de ele ser “trabalho de si, em si, por si e para si”.

Um dos objetivos deste artigo é enfatizar a singularidade do estudo como trabalho pedagógico. Na verdade, ressaltar uma de suas faces, o de ser “trabalho de si, em si, por si” e para si, na apropriação de conhecimentos objetivos. O objetivo maior é sistematizar e sintetizar a nossa proposição acerca da didática de estudo que formulamos a partir do método da leitura imanente proposto, a princípio, por Sérgio Lessa³ (2014, 2011). Mas a nossa

²A didática de estudo que propomos, em sua sequência pedagógica, o método da leitura imanente reservou um momento específica para que os sujeitos pedagógicos registrem esses fatos que nomeamos de atos falho do estudo, e que ocorre com o cérebro: *diário etnográfico*. Trata-se dos efeitos do estudo nas pessoas: sentimentos, imaginações, insights, intuições, etc; os economistas chamam isto de *externalidades* aos conteúdos que se quer apropriar no estudo e pesquisa. Esse é um fenômeno facilmente identificado pelos sujeitos pedagógicos, ocorre quando “a mente vaga”, desloca a concentração da leitura para representações e imaginações que, aparentemente, não tem nada a ver com o que se está lendo. Por que é importante registrar tais acontecimentos no momento diário etnográfico? Porque é com esses registros que nós, sujeitos pedagógicos, tomamos consciência do nosso lugar no processo de apropriação de conhecimentos. Que nós adquirimos consciência de nós como intelectuais: de nossos limites e potenciais. Também é uma forma de reconhecer que estudar está associado a sentimentos, sensações subjetivas, aparentemente estranhas ao que se propõe. Ora, se a vida é importante para nós, e não devemos banaliza-la, é importante fazer tais registros porque dizem respeito a nós, pessoas que estudam e conquistam a sabedoria vivendo no mundo. Este é o propósito do momento diário etnográfico, contribuir com o exame de consciência dos sujeitos pedagógicos no processo de apropriação de conhecimentos.

³LESSA, S. – *O revolucionário e o estudo: por que não estudamos?* São Paulo: Instituto Lukács, 2014 e LESSA, S. – *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

proposição está mais comprometida com as filosofias socráticas, estoicas, epicuristas e marxistas.

Metodologia

Baseando-nos no vídeo *Como Adquirir Inteligência* (<https://youtu.be/Q1MlIPy2rMc>) percebe-se omissões da realidade concreta dos sujeitos pedagógicos na apropriação do território brasileiro. Sobretudo a especificidade do lugar dos sujeitos pedagógicos nesta apropriação. Realidade que agora faz-se necessário explicitar porque é uma lacuna nos escritos de muitos estudiosos sobre o funcionamento do cérebro e a correlação dos estudos e do computador com o cérebro, e destes com a situação da educação brasileira⁴. O vídeo de Piazzzi não foge à regra. Normalmente os neurocientistas não enxergam, e por isso não ressaltam, a importância do posicionamento teleológico do professor-intelectual no ordenamento territorial brasileiro. O lugar dos sujeitos pedagógicos neste ordenamento, inclusive como e em que medida e condições ele participa desse ordenamento, no governo das cidades capitalistas.

Entretanto, o problema deste ensaio não toma às reflexões de Piazzzi como objeto de análise. Elas apenas estartaram e motivaram nossa escrita, por convergirem com um dos pressupostos do método da leitura imanente (abordaremos as características desse método mais adiante); que na sala de aula, os encontros didáticos e pedagógicos são apenas momentos bem específicos do processo de apropriação de conhecimentos, mas não é, de forma alguma, o mais importante. Mais importante é quando se estuda e pesquisa de forma regular, sistemática e com disciplina. Postulamos que o dispositivo pedagógico-cognitivo que tem o poder de registrar as informações no córtex cerebral, e criar memória, é a *crítica*. Por isso, estudar não é simplesmente ler e marcar o texto, sublinhando com lapiseira ou marcador de texto amarelo, mas registrar e reescrever, sistematicamente, os conteúdos dos livros didáticos e trabalhos acadêmicos. Sobre essas características do estudo o professor de cursinho Piazzzi nada diz.

Como poucos procuraram clarear a concreticidade desta nobre e genuína atividade humana, que é o estudo: fonte de tantas prosas e poesias que ressaltam as virtudes humanas; mas também por reconhecer a sua desgraça quando a apropriação de conhecimento é privatizada e negada à maioria de nós, negada a liberdade e o direito de estudar. Portanto, por existir esta contradição na modernidade, é que nós ousamos a nos arriscar em fazer uma

⁴ Antes de mais nada, o ser humano é um ser bio-político.

pequena contribuição neste artigo: apresentar uma sequência pedagógica que chamamos didática de estudo e analisar as consequências políticas desta proposição metodológica.

Um dos objetivos, portanto, deste artigo, é, justamente, problematizar as consequências políticas deste método, admitindo a hipótese de o estudo ser assumido como a categoria estruturadora deste método. Ou, como preferimos, um conjunto de “atividades”, exercícios, “humanos”, que aguçam o campo perceptivo, “sensível”, dos sujeitos pedagógicos. Mas que método é este? Qual o seu objetivo? Por que atribuir tanta importância a um conjunto de procedimentos de estudo? Será que um método pode mudar o mundo? Claro que não! Santa ingenuidade se pensássemos que sim. Mas pode mudar a vida de muita gente, particularmente dos sujeitos pedagógicos: apenas a população de estudantes e professores do mundo inteiro. A personificação da forma social estudante-pesquisador é o pressuposto necessário para desenvolver a autonomia intelectual, o autogoverno ou governo de si. O controle da vida por si e para si. Esta personificação é realizada nas ocupações das pessoas com certas atividades que forjam determinadas personalidades, como compreende Gramsci (a teoria da personalidade formulada por este pensador).

O método que propomos é apenas um método de estudo e pesquisa. Ele ajuda fazer revisões bibliográficas e estudos da arte de forma mais rigorosa, menos arbitrária. Mesmo no âmbito das pesquisas socioeducativas ele se propõe apenas como método de revisão bibliográfica. Ele também pode contribuir com pesquisas que se proponham fazer estudos da arte. O que de certa forma conforta nossa alma é saber que toda e qualquer pesquisa, independente se no âmbito das ciências humanas, da natureza ou das exatas é necessário fazer revisão bibliográfica. Porque é nela que se delimita o tema, se constrói o objeto, quando se fundamenta teórica e filosoficamente a pesquisa, se processa os recortes do objeto, quando se adquire a familiaridade necessária do pesquisador com o campo de investigação ou tema da pesquisa. De acordo com Alda Judith Alves (1992, 1991) não é possível fazer pesquisa sem estudo bibliográfico e, quando feito superficialmente, geram pesquisas de péssima qualidade.

O método que propomos afirma uma forma de trabalho, o “trabalho de si, em si e por si” dos sujeitos pedagógicos. Exercido por esses sujeitos com a finalidade de eles realizarem suas humanidades no estudo e na pesquisa, no campo da ciência, do conhecimento sistematizado e científico. A este tipo específico de trabalho concreto nomeamos de trabalho pedagógico em pesquisa ou, simplesmente, estudo.

O método da leitura imanente, proposto por nós, que alguns estudantes carinhosamente apelidam de Método de Estudo Ciro Bezerra, é composto, por enquanto, de quatro momentos⁵, mas esses momentos podem aumentar de acordo com as nossas necessidades intelectuais, para aumentar a compreensão do objeto:

1. Diálogo Crítico;
2. Mapa das unidades significativas e das unidades epistemológicas;
3. Diário Etnográfico;
4. Interpretação Compreensiva.

Em linhas gerais, o objetivo dos dois primeiros momentos é desenvolver a memória. O terceiro, diário etnográfico, desenvolve a consciência de si dos sujeitos pedagógicos na escrita. Na escrita porque a proposta fundamental do método é que se aprenda estudar, criticamente, fazendo diálogo crítico com o autor, escrevendo e registrando as críticas, e não simplesmente lendo. É preciso, portanto, interrogar o autor e convertê-lo em interlocutor. Não é outro o sentido do “trabalho de si, em si, por si” e para si. No momento diário etnográfico registramos os efeitos que os trabalhos acadêmicos e livros didáticos provocam em nossos sentimentos e campo perceptivo, com suas diversas linguagens, materializadas em categorias, conceitos, ideias e um conjunto de palavras desconhecidas pelos sujeitos pedagógicos.

Os registros no momento diário etnográfico correspondem, em certo sentido, aos atos falhos em Psicanálise: imagens repentinas; pensamentos dispersos, aparentemente desconexos e sem correlação direta com os conteúdos estudados; viagens mentais, ocasionais, em que o pensamento vaga espontaneamente sem o consentimento consciente dos sujeitos pedagógicos; insights; intuições, entre outras manifestações. No quarto momento, o da interpretação compreensiva, o exercício regular de interpretar a compreensão, desenvolve a capacidade da escrita sistemática, organizada em introdução, desenvolvimento e conclusão.

A partir dos estudos éticos de Foucault podemos admitir que os aplicativos didáticos e pedagógicos do método da leitura imanente funcionam como técnicas de si. Os aplicativos didático-pedagógicos do método da leitura imanente estão mais associados aos resultados culturais, que apenas se manifestam, materialmente, a longo prazo. Por tudo isso, o trabalho pedagógico de apropriação de conhecimentos é reiteradamente postergado pelos sujeitos pedagógicos. De acordo com os estudos teóricos e epistemológicos de Bourdieu podemos

⁵ Estes momentos são trabalhados com mais detalhes no livro *Professores Desacorrentados na Cé(lu)la de Aula ou Formação de Si*: um método para resistir e emancipar, ainda não publicado.

comprovar que as práticas didáticas e pedagógicas do método vivenciadas intensivamente como técnica de si, cuidado e governo de si desenvolvem, nos sujeitos pedagógicos que a praticam, *habitus* e disposições criativas, intelectuais, próprias à dinâmica do trabalho pedagógico em pesquisa. E isto porque como “atividade humana sensível”, como trabalho pedagógico, tais práticas impõem que os sujeitos pedagógicos personifiquem e encarnem a forma social pesquisador. Forma social, em si, muito mais ampla do que a forma social “ensinador”.

Conclusão

A apropriação dos conhecimentos objetivos resulta, sobretudo, e intensivamente, do trabalho da razão para compreender o mundo. A vida humana pressupõe esta compreensão, bem no sentido do adágio “decifras-me ou te devoro!”. A faculdade da razão se faz presente, desde o momento originário da humanidade, nos atos das “atividades humanas sensíveis”, o que Marx também compreendia por trabalho humano ou labor. A faculdade da razão se faz presente, em Lukács (2004), na dialética do trabalho (teleologia, nexos causais e elaboração dos meios. Ela está aqui de corpo inteiro!). Mas *o que nos parece politicamente fundamental é que a apropriação de conhecimentos objetivos fortalece o governo de si.*

O método é apenas um meio sistemático e racional de aprender. Ele não é algo que se compreenda ouvindo, mas se exercitando. É a regra! O método também não é uma camisa de força, mas uma orientação política. Com o tempo os sujeitos pedagógicos se libertam do roteiro proposto e inventam o seu próprio modo de estudar. O que importa para nós é que agora não nos encontramos órfãos em relação ao saber estudar: ler e escrever, e que há uma proposição consistente que pode ser vivida, experimentada e criticada. Portanto, saímos da arbitrariedade. O objetivo desses quatro exercícios, em que se registra sistematicamente a apropriação dos conhecimentos objetivos, é desenvolver a autonomia intelectual dos sujeitos pedagógicos. São exercícios cuja meta é transformar as(os) leitoras(es) (sujeitos pedagógicos) em escritoras(es). O que se trabalha no método é o desenvolvimento da autoria, a conquista, depuração e aprimoramento de um estilo próprio de ser no trabalho de escrever: o ser escritor(a).

O sentido deste método é, precisamente, apenas um: demolir o poder da autoridade intelectual do autor-escritor, na medida em que o converte em interlocutor. Com isso o método forja, cria condições, para a afirmação da autoridade dos sujeitos pedagógicos (estudantes-professores-pesquisadores), leitoras(es)-escritoras(es). Portanto, é necessário

também desfazeremo-nos da hierarquia entre os sujeitos pedagógicos no ensino, nos encontros didáticos e pedagógicos. Esta atividade deve empoderar “as(os) alunas(os)” na medida em que simultaneamente, o(a) professor(a) for se desempoderando do poder de saber. É o que, do nosso ponto de vista, tende a contribuir com a elevação da autonomia intelectual.

O que se propõe é a ruptura com a reprodução de uma cultura ancorada na “pedagogia bancária”, que posiciona teleologicamente o estudante, e isso desde sempre, desde a educação familiar, na condição de filho (destituído de qualquer poder, autoridade e razão), perante a autoridade e poder dos pais (adultos). Desta forma as pessoas são postas como objeto desde sempre, desde a tenra idade. E aprendem a obedecer e cumprir ordens. Este posicionamento precisa ser superado esta cultura bancária, pelas próprias mãos das(os) estudantes. É o que se põe, implicitamente, com o método da leitura imanente. E com golpes de marreta.

Referências Bibliográficas

ALVES, Alda Judith – A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Nº 81, pp. 53-60, maio, 1992.

_____. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Nº 77, pp. 53-61, maio, 1991.

BARROCO, Maria Lúcia S. – *Ética: fundamentos geohistóricos*. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

BAUMAN, Zygmunt – *Ética Pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

BEZERRA, Ciro. *Crítica à Sociologia: conhecimento e educação*. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2017. Volume I: Sociologia do Conhecimento na Modernidade; Volume II: Sociologia da Educação no Século XXI.

_____. *A conspiração do vampiro: pesquisa, currículo e ensino médio, técnico e profissional no Brasil*. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2017. Volume I e II.

_____. *Professores desacorrentados na cé(lu)la de aula ou Formação de si: um método para resistir e emancipar*. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2016.

BOURDIEU, Pierre – *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. 3ª edição. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. *O poder simbólico*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.



FOUCAULT, Michel – **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do Poder**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.